

“Ele” – H.P. Lovecraft

Tradução: José Manuel Lopes

Fonte: Os Melhores Contos de HP Lovecraft Vol. 3 Ed. Saída de Emergência

Adquira o livro completo em <http://www.saidadeemergencia.com>

*Não consta nesta transcrição as notas do tradutor.

Quem é José Manuel Lopes?

José Manuel Lopes nasceu em Lisboa. Viveu vários anos em Toronto, no Canadá, onde trabalhou em áreas relacionadas com a pesquisa em Linguística aplicada ao campo da Educação. Foi aí que completou o seu Doutoramento em Literatura Comparada em 1993. Atualmente é Professor Associado na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, onde lecciona cadeiras relacionadas com a Semiótica e com a Tradução Inglesa. Para além do romance “Fragmentos de uma Conspiração” (2005), é autor de um livro de Crítica Literária, “Foregrounded Description in Prose Fiction: Five Cross-Literary Studies” (1995) e de uma série de publicações académicas sobre Literatura Comparada e Tradução. É o responsável pelas traduções e organização da série de livros “Os Melhores Contos de Howard Phillips Lovecraft” da editora portuguesa “Saída de Emergência”.

ELE

V i-o numa noite de insónias, quando caminhava desesperadamente, para salvar a minha alma e o meu modo de ver. A minha vinda para Nova Iorque fora um erro. Pois, ao procurar fascinantes maravilhas e inspiração, nas labirínticas e antigas ruelas que serpenteiam sem fim, a partir de pátios esquecidos e zonas marítimas igualmente esquecidas — e em ciclópicos arranha-ceus modernos e em pináculos que se erguem escuros e babilónicos sob uma lua exangue —, encontrara apenas um sentido de repulsa e opressão que me ameaçavam dominar, paralisar e destruir.

A desilusão fora gradual. Ao chegar a essa cidade pela primeira vez, vira-a ao por-do-sol, desde o cimo de uma ponte majestosa sobre as águas, sobre as incríveis e delicadas arestas e pirâmides que se erguiam, semelhantes a flores de charcos de névoa roxa, para brincarem com as acesas nuvens douradas e com as primeiras estrelas do entardecer. Em seguida, vira-a acender-se, janela após janela, sobre as marés cintilantes onde os candeeiros cabeceavam e deslizavam, e buzinas roucas rasgavam estranhas harmonias, para se transformarem num firmamento onírico e estrelado, com um perfume de música feérica, e uno com os encantos de Carcassonne, Samarcanda e o *El Dorado*, e com todas essas cidades quase fabulosas. Não muito tempo depois, fui seduzido por essas ruas antigas, tão gratas à minha imaginação — por sinuosas e estreitas ruelas e travessas, onde filas de casas georgianas de adobe vermelho me piscavam o olho das suas lucernas, por cima de portas rodeadas de colunas, que em tempos tinham observado liteiras de talha dourada e carruagens apaineladas — e, ao dar-me conta dessas coisas há muito desejadas, pensei ter adquirido os tesouros que, com o passar do tempo, iriam fazer de mim um poeta.

Porém, nunca iria conhecer a felicidade nem o sucesso. A luz garrida do dia mostrou-me apenas sordidez e alheamento, e a intoxicante elefantíase de pedras que trepavam e se espalhavam onde a lua me sugerira beleza e antigas magias. A multidão que fervilhava através dessas ruas, semelhante a rios torrenciais, era constituída por estrangeiros atarracados, de pele escura, de rostos rudes e de olhos em bico, pessoas de outras paragens, sagazes e sem sonhos, sem qualquer relação com as coisas que as rodeavam, e que nada poderiam dizer a um homem de olhos azuis da antiga população, que no seu peito albergasse ainda a nostalgia das áleas verdes e dos campanários brancos de Nova Inglaterra.

Assim, em vez dos poemas a que esperava dar vida, deparei-me tao-so com uma agitada ausência de ideias e com uma solidão inefável, vindo por fim uma horrível verdade que ninguém antes se atrevera a murmurar — o impronunciável segredo de todos os segredos — o facto de essa estrídula cidade de pedra não ser uma continuação viva da velha Nova Iorque, tal como Londres o era da velha Londres e Paris da antiga Paris, mas de estar de facto morta, com o seu corpo estendido e embalsamado sem perfeição, infestado de inusitados elementos animados que nada teriam que ver com a sua vida anterior. Após ter feito essa descoberta, já não conseguia dormir sossegadamente, embora algo comparável a uma calma resignada me tivesse dominado, à medida que ia ganhando o hábito de me manter fora das ruas durante o dia, até só me atrever a sair à noite, quando a escuridão conjurava o que ainda pudesse existir do passado que ainda aí pairava semelhante a um fantasma, e os antigos portais brancos me invocassem as robustas formas físicas, que em tempos os tinham franqueado. Baseado nesse consolo, consegui mesmo escrever alguns poemas, e já não pensava regressar ao lar da minha distante família, com medo que esta pudesse julgar que um ser ignóbil e derrotado tivesse vindo a rastejar até ela.

Foi então que, numa dessas itinerantes noites de insónia, eu acabei por conhecer o homem. Foi num pátio escondido e grotesco do bairro de Greenwich, pois fora aí que, na minha ignorância, eu me alojara, tendo ouvido que se tratava de um lugar habitado por poetas e artistas. As travessas arcaicas e as casas, assim como as surpreendentes praças e pátios, tinham-me deliciado verdadeiramente. Todavia, ao reparar que os poetas e os artistas não passavam de pretensiosos faladores, cujo requinte era a falsidade e cujas vidas eram a própria negação de toda a beleza da poesia e da arte, fiquei aí apenas pelo amor a essas características veneráveis. Imaginava-as tal como elas teriam sido no princípio, quando Greenwich era uma aldeia plácida ainda não de todo devorada pela cidade; e, nas horas que precediam o nascer do sol, quando todos os amantes da noite já se tinham recolhido, costumava vaguear sozinho por entre a suas ruelas misteriosas, reflectindo sobre os curiosos mistérios que as sucessivas gerações aí tivessem depositado. Fora isso que me mantivera a alma viva e me trouxera alguns desses sonhos e visões que o poeta bem dentro de mim tanto desejava.

O homem cruzara-se comigo por volta das duas horas de uma enevoadá madrugada de Agosto, enquanto eu percorria uma série de pátios distintos, apenas acessíveis através de escuras passagens entre prédios que, no passado, teriam formado uma rede contínua de ruelas. Ouvira falar das mesmas, através de alusões indirectas, e dera-me conta de que não poderiam fazer parte de nenhuma planta recente da cidade. Contudo, o facto de terem sido esquecidas, só mas tornou mais apetecíveis, de modo que as procurara com uma dupla ânsia. Agora, que as encontrava, o meu interesse redobrava uma vez mais, pois algo no modo como se encontravam dispostas parecia aludir vagamente ao facto de que só restassem apenas algumas, escuramente estranguladas entre paredes altas e vazias e traseiras de casas desabitadas, ou espreitando, sem qualquer luz de candeieiros, por detrás de arcos, ainda não traídas por hordas de pessoas que falavam uma língua estrangeira, nem vigiadas por furtivos e sorumbáticos artistas cujas práticas não fossem apropriadas para serem referidas em plena luz do dia.

Ele falou comigo sem que eu o tivesse encorajado, ao notar a minha disposição e o modo como eu ia estudando certas portas envelhecidas, no topo de degraus debruados por gradeamentos, ante o pálido brilho das rendilhadas bandeiras exteriores que as encimavam. O seu rosto estava na sombra e ele usava um chapéu de abas largas que, até certo ponto, parecia condizer com a capa antiquada que envergava. Mas eu fiquei um pouco inquieto, antes mesmo de ele me ter dirigido a palavra. Tinha um corpo esguio de uma magreza quase cadavérica, e a sua voz parecia estranhamente cava e suave, embora não particularmente profunda. Ele, segundo me informou, já tinha reparado em mim durante os meus passeios, e concluído que eu me parecia com ele, devido ao meu interesse pelos vestígios de antanho. Será que eu não iria gostar de uma visita guiada por alguém que já tinha uma grande prática nessas explorações e que possuía todo um espólio de informação local, muito mais especializado do que aquela a que qualquer forasteiro pudesse ter acesso?

Enquanto falava, pude ver o seu rosto, por breves instantes, à luz de uma solitária janela de mansarda. Esse indivíduo, idoso mas bem-parecido, tinha um aspecto nobre, e ainda mantinha os traços de uma linhagem refinada, que não seria de esperar nesse local nem na época presente. Contudo, algo nele me perturbou, quase tanto quanto o seu aspecto me agradara. Talvez o seu rosto fosse demasiado pálido e sem expressão, ou por demais deslocado desse lugar, para que eu pudesse confiar nele e sentir-me à vontade. No entanto, apressei-me a segui-lo, pois nesses dias deprimentes, a minha busca por uma beleza há muito extinta e pelo mistério era tudo o que tinha, para manter viva a minha alma, e achava também que fora uma rara oportunidade do destino ter-me encontrado com uma pessoa cuja procura, semelhante à minha, parecia ser bem mais refinada.

Qualquer coisa na noite obrigava esse homem embuçado a calar-se e, durante o que me pareceu estender-se durante uma longa hora, ele convidou-me a avançar, sem nunca recorrer a palavras desnecessárias, fazendo apenas breves comentários acerca de nomes antigos, de datas, de mudanças, e guiando-me sobretudo por gestos. À medida que me ia intrometendo por esses interstícios, ele percorria uma passagem em bicos de pés, escalava muros de tijolo, e até andava de gatas por um baixo túnel de pedra, cujo inacreditável comprimento sinuoso acabou por finalmente apagar todo o sentido de orientação geográfica que ainda me restava. As coisas que víamos eram muito antigas e maravilhosas, ou assim me pareciam à luz débil dos raios de luz em que as observava, e nunca me hei-de esquecer das derruídas colunas jónicas, das pilastras esguias, nem dos postes de gradeamentos encimados por jarrões de ferro, ou de flamejantes janelas com lintéis, ou de decorativos postigos em forma de leque, que pareciam cada vez mais estranhos e bizarros, enquanto íamos avançando por esse infinito labirinto de uma idade desconhecida.

Não encontrámos ninguém e, quanto mais avançávamos, mais as janelas iluminadas se tornavam cada vez mais raras. Os primeiros candeeiros de rua com que nos deparámos, eram ainda a petróleo, com losangos de vidro montados em chumbo. Mais tarde, vi alguns com velas e, por fim, após termos atravessado um horrível pátio sem luz, onde ele me teve que guiar com a sua mão enluvada, através de uma escuridão total, até a um muro muito alto, com um portão estreito de ferro, chegámos ao troço de uma ruela apenas iluminada por lanternas em frente de cada sete casas — inacreditáveis lanternas coloniais feitas de folha-de-flandres, com topos cónicos e furos nos lados. Essa ruela, subia por uma colina — mais inclinada do que eu julgaria ser possível em qualquer parte de Nova Iorque — e, ao cimo, encontrava-se claramente bloqueada por um muro de quinta, coberto de hera, para lá do qual eu podia vislumbrar uma pálida cúpula e algumas copas de árvores, ondulando contra uma vaga linha junto ao céu. Nesse muro havia um portão de topo arredondado — feito de tábuas de carvalho escuro, com grandes cravos de ferro —, que esse homem começou a abrir com uma pesada chave. Convidando-me a entrar, conduziu-me, através da mais cerrada escuridão, até ao que me pareceu ser um caminho de gravilha e, finalmente, por um lanço de escadas em pedra até à porta dessa residência, que ele também me abriu.

Entrámos, e eu fui logo dominado por um forte odor a mofo e a humidade que parecia ter-se precipitado ao nosso encontro, e que deveria ser o resultado de vários séculos de abandono. O meu anfitrião parecia não o ter notado e, por delicadeza, eu não fiz comentários, enquanto ele me guiava por uma escada circular, ao fundo do vestíbulo, para uma sala cuja porta eu o ouvi fechar à chave, logo que entrámos. Depois vi-o abrir a cortina de uma janela com três caixilhos, que mal se desenhavam contra os clarões do céu. Mais tarde, ele foi até à prateleira da lareira onde, riscando pedreneira contra aço, acabou por acender duas velas de um candelabro para doze. Foi então que, acenando-me, ele começou calmamente a falar comigo.

Sob essa luz fraca, verifiquei que estávamos numa biblioteca apainelada, espaçosa e com boas mobílias, que dataria do primeiro quartel do século XVIII, com esplêndidos frontões triangulares e uma bela cornija dórica. Acima da lareira, um painel de madeira fora impecavelmente esculpido e, no seu topo, havia entalhadas curvas e jarrões esculpidos. Por cima das estantes cheias de livros, em intervalos ao longo das paredes, viam-se retratos de família, pintados a óleo e já vagamente apagados, cujos rostos revelavam indubitáveis parecenças com o desse homem que, nesse momento, me convidava a sentar numa cadeira, junto a uma mesa *Chipendale*. Antes de se ter

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

